

**“*Cura-me, Senhor!*”**

**Temos clareza do significado deste pedido?**

**– 6o Domingo do Tempo Comum (14.2.2021) –**

40Aproximou-se dele um leproso, suplicando-lhe de joelhos: “Se queres, podes limpar-me”. 41Jesus compadeceu-se dele, estendeu a mão, tocou-o e lhe disse: “Eu quero, sê curado”. 42E imediatamente desapareceu dele a lepra e foi purificado. 43Jesus o despediu em seguida, com esta severa admoestação: 44“Vê que não o digas a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e apresenta, pela tua purificação, a oferenda prescrita por Moisés para lhe servir de testemunho”. 45Este homem, porém, logo que se foi, começou a propagar e divulgar o acontecido, de modo que Jesus não podia entrar publicamente em uma cidade. Conservava-se fora, nos lugares despovoados; e de toda parte vinham ter com ele. (Mc 1,29-39)

No quinto domingo do Tempo Comum do Ano Litúrgico corrente cristão ocidental, somos levados a refletir sobre o pedido ao Altíssimo de sermos curados. Porém, mais do que a mera cura física, devemos nos ater ao real significado desse pedido e como, à luz da passagem evangélica envolvida, nos exemplifica Jesus quanto a divina resposta.

Damos sequência às narrativas de Marcos que se encontram na primeira parte de seu evangelho, onde nos é apresentada o ministério messiânico universal de Jesus, com o chamado dos seus primeiros discípulos dentre simples pescadores e o início de sua pregação com toda sua propriedade e autoridade, não somente com repetição de textos sagrados disponíveis à época, tanto em sinagogas como junto às pessoas em seu cotidiano, razão da mobilização de seus ouvintes. Juntamente com a disseminação de seus ensinamentos, acolhe os mais necessitados, destacadamente aqueles apartados da sociedade, a exemplo dos leprosos e portadores de deficiência física. Ele, não apenas os acolhe por compaixão, mas prepara-os para a ação, ou seja, a cura e a libertação dos males com vistas à realização de novas atitudes, à transformação de vida.

A passagem de hoje, igualmente às últimas abordadas, encontra-se na primeira parte do evangelho marcano, onde nos é apresentada a missão de Jesus, ao passar pela Galiléia e arredores, descortinando o chamado “Reino de Deus”. Não um reino que a nós distante, temporal ou geograficamente falando, mas a ser construído e vivido no nosso dia-a-dia, por cada um de nós que optarmos pela vivência do amor ao próximo; da harmonia na convivência entre os seres; da mansidão diante das adversidades, associada à nossa entrega nas mãos do divino que em nós habita, para que Ele possa iluminar os caminhos a serem seguidos e fortalecer-nos no enfrentamento das dificuldades e das ilusões deste mundo encarnado. Associado a tais aspectos, o Reino evidencia-se por meio da partilha desinteressada, da justiça e da paz entre as pessoas, questões essas que não devem estar presentes apenas durante cultos e celebrações, tampouco limitadas aos templos e às práticas institucionais da religiosidade. Jesus chama-nos a atenção para a espiritualidade cotidiana, ou seja, a busca do encontro com Deus por meio de nossa relação com o outro, ao longo de nossa existência.

No trecho evangélico de hoje, mais uma vez, deparamo-nos com a cura de um doente após rogar a Jesus por ela, doente esse portador da lepra que significava mais do que um mal físico, indo além de uma limitação biológica, pois estar com lepra, à época, significava impureza, representava o castigo divino diante de atitudes inadequadas cometidas pelo doente ou por sua ancestralidade, era o verdadeiro estigma do pecado, justificativa da discriminação sofrida, sendo privado do convívio social. Não é sem razão que os termos “lepra” e “leproso” aparecem dezenas de vezes no Primeiro Testamente, especialmente no livro do *Levítico*, doença que, entre os hebreus, era diagnosticada pelos sacerdotes e não pelos médicos, tal era a evidência do pecado naqueles que dela eram acometidos, trazendo, assim, a corrupção da carne e do espírito, um explícito castigo divino.

Apenas a permissão de Jesus para que o doente dele se aproximasse já era um sinal a ser destacado de amor ao próximo e de compaixão alheia, acolhendo o leproso sem qualquer discriminação ou apartação. De imediato, Jesus nos dá o exemplo da vivência fraterna e amorosa com o irmão necessitado e rejeitado pelas pessoas, mostrando-nos o caminho a ser seguido em direção àqueles que são vítimas de rejeição e exclusão. Ouve, de forma atenta, o clamor daquele que estava completamente à margem da sociedade e compadece-se amorosamente de sua miséria, de suas dores e limitações. Jesus não vê a sua frente um impuro ou um pecador, e acolhe o ser humano que está diante de si, assim como o é, com suas imperfeições e limitações, sendo merecedor de restabelecer sua condição original de existência, sua capacidade de viver plenamente como criatura de Deus, desde que assim deseje, basta que peça por tal condição. Jesus liberta o doente após rogar por sua “limpeza”, não de um mal física apenas, mas de suas amarras que impedem sua contínua evolução. O alvo de sua ação não foi apenas a cura da doença, razão pela qual ter orientado o recém curado a procurar o sacerdote para que fosse constatada sua libertação da doença e do mal dela gerador, pois, como já mencionamos anteriormente, entre os hebreus, o sacerdote é que era o responsável pelo diagnóstico da lepra, tendo em vista sua vinculação com a pureza do ser.

A cura tem sido o alvo de nossas reflexões nessas últimas semanas, destacando-se a compaixão, a não discriminação, a não marginalização, assim como a cura como uma prática libertadora – liberdade para a ação, para a vivência em plenitude, para a construção do Reino no cotidiano de cada um.

Vejam, a “cura”, dita com “limpeza”, veio em decorrência do pedido do enfermo, da sensação de aprisionado provocada pelo mal acometido, mal não necessariamente apenas físico. Desejoso de sair da situação de miséria e de marginalidade em que estava mergulhado, o homem com lepra vence o medo e a imaginária separação existente entre ele e a divindade, aproximando-se, assim, de Jesus. Ele não se atem às distâncias que um leproso devia manter das demais pessoas, crendo, acima de tudo, que lhe era possível atingir a cura, a libertação, pelo vontade de Jesus, desde que a ele chegasse e solicitasse humildemente o seu desejo. Evidencia-se, então, o encontro com a divindade, a nós sempre disponível, como uma oportunidade ímpar, situação que permite nos livrarmos das amarras que nos aprisionam às coisas temporais deste mundo e do véu da ignorância, especial dificultador de nossa visão a respeito das verdades relacionadas ao caminhar evolutivo, possível e necessário, razão precípua de nossa vida encarnada.

Tenhamos a clareza que, por meio da purificação do leproso, libertando-o da prisão e da exclusão por ele vivenciada, evidencia-se que ninguém deve ser visto como um marginal, uma pessoa indigna, significando, a “purificação” ocorrida, a não pactuação do Reino de Deus qualquer tipo de discriminação, não aceitando a visão de pessoas boas e más, de incluídos e excluídos; há somente pessoas com dignidade e que não devem, de forma alguma, ser privadas dos seus direitos mais elementares, muito menos em nome de Deus.

Reconheçamos sempre a presença de Deus em nossa vida, disponível para o nosso íntimo encontro, possibilitando, por meio dele, nossa “purificação”, propiciando nossa libertação dos grilhões mundanos finitos que tanto nos dificulta de evoluirmos espiritualmente. Não nos esqueçamos de que o gesto provocador e indutor de Jesus ao estender a mão e tocar no leproso, além de mostrar a inadequada lógica discriminativa entre os seres, mostra-nos como devemos agir diante dos marginalizados – acolhendo-os fraternalmente.

Assim como Jesus, não aceitemos sistemas religiosos ou laicos que gerem sofrimento, miséria e apartação, principalmente aqueles que assim o fazer em nome de Deus ou como práticas religiosas discriminadoras. Desinstalemo-nos de nossa cômoda condição de meros espectadores das práticas que dividem os seres, que rompem com a harmonia entre as pessoas, que confrontam com a justiça, que estimulam o acúmulo e a concentração de bens, que obstaculizam a partilha e que andam na contramão das relações solidárias e fraternas.

Um último ponto a ser observado em nossa passagem de hoje relaciona-se à desobediência do recém curado de nada dizer às pessoas sobre o ocorrido, saindo da presença de Jesus alardeando sua purificação. Sem dúvida alguma, após o verdadeiro e íntimo encontro com Deus, encontro este que gera cura e transformação, dificilmente seu beneficiário irá se calar, sendo um testemunho vivo da libertação ocorrida.

Como efetivos construtores do Reino de Deus, estimulando a justiça, a amorosidade, a compaixão, a equanimidade, a paz e a partilha desinteressada, testemunhando de forma atuante o amor de Deus em nossa vida, nutridos pelo íntimo contato com Deus, seremos capazes de, gradativamente, gerar mudanças, não apenas em nós mesmos, mas no mundo que nos cerca.

Que todas e todos vocês fiquem na paz de Deus!

Um fraterno abraço,

Milton Menezes.